

AS FLORES DA DECADÊNCIA: Baudelaire e o ultraje à moral burguesa na segunda metade do século XIX na França

THE DECLINE OF FLOWERS: Baudelaire and outrage to bourgeois morality in the second half of the nineteenth century in France

**Rodrigo da Silva Gomes¹
Wellington Lima Amorim²**

RESUMO: Este trabalho caracteriza a *decadência* conceituada e criticada por Charles Baudelaire em suas obras sobre as relações sociais estabelecidas através da modernidade na segunda metade do século XIX na Europa, especificamente na capital francesa, Paris. Contrapondo os ideais burgueses formados e consolidados, tanto política quanto economicamente, mas acima de tudo socialmente, formulados por um novo conceito moral de existência e estabelecidos por meio de uma hegemonia de comportamento de doutrinas sociais que permanecem as relações construídas no século XIX até os dias atuais, tanto a poesia quanto a prosa em Baudelaire evidenciam o simbolismo originário de imagens cotidianas na velha capital francesa e retrata as contradições e mazelas do “espírito humano”.

Palavras-chave: Baudelaire; Nietzsche; moral; decadência; burguesia.

ABSTRACT: This study characterizes the prestigious decay and criticized by Charles Baudelaire in his works on social relations established through modernity in the second half of the nineteenth century in Europe, specifically in the French capital, Paris. Opposing ideals formed and consolidated bourgeois, both politically and economically, but above all socially, formulated by a new moral concept of existence and established through a social doctrines behavior hegemony that remain the relationships built in the nineteenth century to the current, much poetry as prose in Baudelaire show the symbolism of everyday images originating in the old French capital and portrays the contradictions and ills of the "human spirit".

Keywords: Baudelaire; Nietzsche; moral; decay; bourgeoisie.

INTRODUÇÃO

O propósito do trabalho em questão é o de analisar e de descrever as transformações sociais ocorridas a partir da modernidade na Europa, em especial na Paris do século XIX, capital francesa, além de subjugar-las perante as

¹ Especialista em Filosofia contemporânea. Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: rodrigoarrobasociais@gmail.com

² Dr. em Ciências Humanas. Universidade Federal do Maranhão. E-mail: Wellington Lima Amorim

observações e críticas tecidas através de poesias e prosas modernas recém-inauguradas por Charles Baudelaire. Contrapor as novas relações estabelecidas pelos novos conceitos morais e sociais do comportamento burguês estabelecido e consolidado a partir das revoluções, tanto políticas quanto econômicas, com as formas com as quais se concebia a vida cotidiana anterior aos fatos revolucionários burgueses do século XVIII. A análise não é estritamente política, tampouco econômica dos adventos e transformações ocorridos a partir da segunda metade do século XIX, porém, visto que tais conceitos estabelecem correlações e, em suma, permeiam intrinsecamente o objeto de estudo, caberá uma observação cuidadosa desses aspectos político-econômicos que norteiam uma nova escala de valores e um novo “estilo de vida” da civilização ocidental moderna. Mesmo servindo-se de fundamentos sociológicos, tais estudos acerca dos caminhos e descaminhos da moralidade burguesa tendem a uma teoria da Filosofia da história, por tratar metodologicamente das questões estabelecidas e relacionadas.

Buscando dialogar tanto com a Filosofia, quanto com a História, a discussão sociológica prevista aqui permeia as novas estruturas fundadas a partir da ascensão do capitalismo industrial e do novo conceito de vida social urbana. Estruturas sociais estas, além de físicas, muito mais relacionadas a respeito das formas com as quais os indivíduos e a coletividade em si pensam, organizam e vivem neste novo contexto social urbano. De um ponto de vista mais poético, porém não menos ilustrativo a respeito do “novo mundo” burguês, a crítica baudelairiana reflete sobre as novas formas de vivência e socialização entre os indivíduos e o meio urbano que se impõe como parâmetro estabelecido pela ordem capitalista. Escrevendo sobre a dualidade causada pela modernidade, Baudelaire evidencia as relações entre o cotidiano moderno e as suas contradições, além de suas imposições sobre a individualidade, restabelecendo um novo conceito de indivíduo perante a sociedade.

Homem do mundo, isto é, homem do mundo inteiro, homem que compreende o mundo e as razões misteriosas e legítimas de todos os seus usos; artista, isto é, especialista, homem preso à sua palheta como o servo à sua gleba. O Sr. G. não gosta de ser chamado de artista. Não tem ele um pouco de razão? Ele se

interessa pelo mundo inteiro; quer saber, compreender, apreciar tudo o que se passa na superfície de nosso esferoide. O artista vive muito pouco, ou mesmo nada, no mundo moral e político. (BAUDELAIRE, 2010, p. 24).

Poeta e crítico literário, Charles Pierre Baudelaire, nascido na capital francesa em 1821, carregou consigo o rótulo de poeta maldito, tanto por seu estilo de vida nada convencional para a época, quanto por sua aguçada e revolucionária maneira de escrever e se expressar diante da sociedade que acabara de transformar-se. Tendo inovado a forma com a qual a poesia passou a se relacionar diante do mundo moderno, e sendo ele mesmo o responsável por fundar a tradição moderna de poesia, além de considerado por seus contemporâneos como um dos precursores do Simbolismo, Baudelaire, com sua obra *As flores do mal* de 1857, conceitua um novo padrão poético e estético da Modernidade como parâmetro para a decadência social. Tão fascinante quanto sua originalidade e audácia, são também as reações desencadeadas pelo conteúdo da obra, acusada de obscena e ultrajante à moral pública francesa. Criticado ao extremo pela burguesia parisiense, os poemas e prosas de Charles Baudelaire se tornam nossos principais objetos de estudo sobre o período moderno, mas não os únicos. Além de retratar o cotidiano francês e a relação entre os indivíduos e a metrópole e além de subjetivar as implicações entre o público e o privado extraídas de tais junções específicas da sociedade parisiense, a crítica baudelairiana nos será propícia como aspecto decadente de percepção. Para além de uma crítica puramente artística ou estética da realidade imposta pelos traços modernos, será de fundamental importância, tanto para aproximar, quanto para afastar aspectos e conceitos, considerarmos a crítica lançada por Friedrich Nietzsche sobre as ideias modernas.

Se as considerações de Baudelaire nos conferem uma análise sobre os comportamentos e relações na grande Paris, reflexo do processo capitalista do século XIX, em que a vida urbana surge e as condições sociais se dão entre a multidão contrastada por indivíduos, avenidas, praças, bulevares, teatros, mercados, etc., a crítica nietzschiana tratará de uma afronta aos valores modernos dominantes, julgando conceitos morais e desconstruindo concepções tradicionais do modo de pensar. Caberá a Nietzsche o papel de algoz dos ideais

modernos. Por ora, conceituemos tal modernidade e suas revoluções. A sociedade formada a partir dos preceitos econômicos da Revolução Industrial, assim como dos preceitos políticos iniciados em 1789 com a Revolução Francesa, trouxe consigo uma racionalidade científica de se estabelecer perante o cotidiano que antes se sustentava socialmente apoiado nas tradições, principalmente religiosas. Porém, as “novas” tradições, ou melhor, as tradições inventadas, e as formas de se firmar como classe dominante no mundo moderno faz com que tal classe revolucionária social estabeleça novos conceitos de vivência e crie novos dogmas culturais, portanto sociais. É neste aspecto que este estudo visa apoiar-se e contrapor-se diante das novas formas de relações sociais estabelecidas após a revolucionária expedição burguesa europeia e sua imposição moderna de vida social.

Seguindo um pensamento crítico à sociedade burguesa em pleno e constante desenvolvimento revolucionário, as inversões propagadas e difundidas pelo domínio político, econômico e agora social burguês, causam os parâmetros e os meios de se gerir e de suprir as novas necessidades que surgem impostas por tal empreendimento moderno. Segundo Marx, tamanha foi a capacidade de transformação social implementada pela burguesia que ela “não pode existir sem revolucionar, constantemente, os instrumentos de produção e, desse modo, as relações de produção e, com elas, todas as relações da sociedade” (MARX, 1998, p. 14). É nessa constatação sobre a nova sociedade que se formara nas sombras da sociedade feudal conceituada por Marx, que nossa proposta de análise tomará rumo. Sob a transformação contínua das relações sociais e na observação e crítica de tais relações fundamentadas por Baudelaire é que tomamos de objeto de estudo tais revoluções sociais. Em demasia, a crítica literária baudelairiana nos concede suas inquietações a respeito da cidade de Paris, que nos serve de parâmetro metodológico para as possíveis comparações dos comportamentos da sociedade européia, disseminando seus instintos e anseios das constantes mudanças entre as formas de relacionamentos pertinentes aos atores sociais da época, sendo estes os principais interlocutores de Baudelaire, capacitando suas análises e, posteriormente seu posicionamento diante das questões modernas e suas

implicações. Ainda que possa parecer, à primeira vista, uma contradição metodológica em se estabelecer uma dualidade para o termo tradições, a construção de uma dicotomia para o conceito carece de uma análise esmiuçada das formas de transições elaboradas entre os períodos revolucionários iniciados ainda no final do século XVIII. Por fim, a decadência evidenciada no período moderno do século XIX, tanto por Baudelaire quanto por Nietzsche, será conceituada conforme suas similaridades, além de suas disparidades, insistindo nos termos elaborados por seus críticos e relacionando os comportamentos intrínsecos entre indivíduo e sociedade.

AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS DO SÉCULO XIX NA FRANÇA

São conhecidas as transformações políticas e econômicas ocorridas na França desde o século XVIII com a Revolução Francesa em 1789, e a nova configuração social advinda desse evento, especificamente. Cabe aqui analisarmos as consequências sociais obtidas e caracterizadas após os processos revolucionários do final do XVIII e meados do XIX. Tais processos revolucionários não se abstiveram apenas do círculo político e econômico dos preâmbulos burgueses em si. O comportamento adquirido intrinsecamente ao pensamento moderno e civilizatório do novo contexto social compactua uma nova forma e um novo modo de estabelecer relações e conceitos a partir de determinados parâmetros conjecturados pelo domínio da nova ordem econômica vigente.

A nova classe social burguesa, já estabelecida política e economicamente perante as velhas formas sociais do mundo feudal e tradicional, remete-se agora a um novo processo revolucionário, mesmo sem parâmetros preestabelecidos ou estabelecidos racional e propositalmente no contexto estrutural da sociedade, em uma transformação potencializada aos moldes característicos da vivência íntima e individualizada das relações sociais enquanto parâmetros existentes anteriormente, capacitando novos conceitos observados pela crítica moderna. Cabe à nova classe dominante impor novos conceitos de sociabilidades e um

novo modelo de vida, muito mais aventureiro e fascinante do que o estagnado mundo feudal, em que as relações sociais mantinham-se dominadas por um poder central tradicional, concebido por um domínio religioso, além de doutrinas muito bem esclarecidas, que estarão estabelecidas tal qual o conceito de sociedade para Durkheim, em que é, ao mesmo tempo, anterior e exterior ao homem. A sociedade feudal, não permitindo uma mobilidade entre suas camadas, não havendo ali a noção de indivíduo com vontades próprias e potencializadas, em características conceituais estagnadas, prospecta a situação a qual a sociedade moderna e todo Ocidente se estruturam em meados do XIX, as novas formas que revolucionaram esse dito mundo tradicional, do qual os comportamentos, tanto dos nobres, religiosos e servos, fazem-se prover da sobrevivência de tal sociedade. O interessante a ressaltar neste ponto é a forma com que tal manifestação de novos costumes permeia entre o seio social francês ainda no século XVIII, como evidencia Norbert Elias no volume um de sua obra *O Processo Civilizador*. As relações entre burguesia e a aristocracia da corte já se encontravam entrelaçadas e seria difícil caracterizar uma distinguindo-se da outra, com certas exceções individualizadas ora aqui, ora ali.

As convenções de estilo, as formas de intercâmbio social, o controle das emoções, a estima pela cortesia, a importância da boa fala e da conversa, a eloquência da linguagem e muito mais - tudo isto e inicialmente formado na França dentro da sociedade de corte, e depois, gradualmente, passa de caráter social para nacional. (ELIAS, 2011, p. 52).

Segundo Elias, a homogeneidade dos costumes caracterizados no século XIX entre burgueses e aristocratas se fundamentou de maneira mais abrangente e intrínseca na França, pois “eram mais baixas as barreiras de classes e incomparavelmente mais íntimos os contatos sociais entre elas”. Cabe aqui um esclarecimento sobre a análise dos comportamentos modernos em contraposição aos tradicionais. Se, em tese, a modernidade se conceitua em oposição às tradições, seria imprescindível que tal contexto social do XIX se inserisse como negação aos aspectos comportamentais da corte aristocrática

francesa. Contudo, em seu texto *A vida em uma sociedade pós-tradicional*, Anthony Giddens nos revela que a modernidade partilhou conceitos e costumes tradicionais a seu bel prazer e interesse, uma vez que

(...) nas sociedades ocidentais, a persistência e a recriação da tradição foram fundamentais para a legitimação do poder (...). A tradição polarizou alguns aspectos fundamentais da vida social – pelo menos a família e a identidade social (GIDDENS, 1997).

Uma vez transformados os conceitos políticos e econômicos pós-revolução na França, a nova classe dominante, por si só, não havia se consolidado ainda como modelo de comportamento e civilidade convencional. O poder das tradições paira ainda sobre as atitudes e a forma com a qual as tendências do mundo moderno contradizem as relações ocorridas no período. Talvez estejam nas tradições os maiores impedimentos para uma total realização revolucionária comportamental da sociedade moderna em questão. O poder político e econômico havia sido de fato usurpado pela burguesia, porém o que lhes falta ainda é o domínio e o poder dos comportamentos. O peso da tradição feudal, principalmente dos comportamentos tradicionais dos nobres, de alguma forma permeia as considerações modernas. Apesar da falência econômica e da perda do poder político, há uma admiração por parte burguesa e ao mesmo tempo uma tentativa de emancipação desse poder tradicional que ainda reina entre as relações do período inicial de modernização. Nesse processo revolucionário dos comportamentos sociais antagônicos de tradições e modernidades, a concepção de civilizado toma contorno apreciativo perante o pensamento corrente à época. Num empreendimento que, ao mesmo tempo, deprecia as formas de comportamentos pré-modernas, tratando-os como “incivilizados”, a modernidade burguesa concede parâmetros para classificar e exaltar comportamentos sociais menos “bárbaros”. Ainda segundo Elias, as transformações comportamentais instauradas pela modernidade nos compelem de tal maneira que, no decorrer de um estudo sobre tais manifestações das “incivilizações”, chegamos mesmo a sentir um “desconforto e um embaraço”, visto o juízo de valor que atribuímos ao termo civilizado.

O maior ou menor desconforto que sentimos com pessoas que discutem ou mencionam suas funções corporais mais abertamente, que ocultam ou restringem essas funções menos que nós, é um dos sentimentos dominantes no juízo de valor "bárbaro" ou "incivilizado". Tal, então, é a natureza do "mal estar" que nos causa a "incivilização" ou, em termos mais precisos e menos valorativos, o mal estar ante uma diferente estrutura de emoções, o diferente padrão de repugnância ainda hoje encontrado em numerosas sociedades que chamamos de "não-civilizadas", o padrão de repugnância que precedeu o nosso e é sua pré-condição. (ELIAS, 2011, p. 72).

Trata-se então, de uma transformação social pulsante, que permeia o seio da sociedade e permite, de fato, a consolidação de novos conceitos para as atividades e manifestações, não só coletivas como também individuais. Paralelamente à desconstrução das tradições pré-capitalistas, impõe-se um processo civilizador padronizado de sentimentos e afeições ao moderno, expurgando a moralidade existente, porém introduzindo "novas tradições" ao comportamento individual e social modernos. Tem-se a similaridade e o complemento entre os termos de tradição e modernidade. Apesar de parecerem antagônicos e a relação construída entre ambos, numa análise superficial, ordenarem uma contradição dos conceitos, o entrelaçamento entre o tradicional e o moderno colaboram entre si para a formação de relações sociais no período de transição comportamental. Ainda que o objetivo burguês se pretenda como revolucionário social, os resquícios estruturais que compõem as relações e comportamentos tradicionais ainda ali se fazem presentes e servem como base para a nova configuração moderna.

Um exemplo de manutenção estrutural de tradição pré-moderna pode ser constatado nas relações que a burguesia mantém com as tradições religiosas, principalmente no âmbito material do termo, mas não só. Uma vez racionalizadas e institucionalizadas pela forma com a qual a modernidade e o modo civilizado de relações previstas e impostas perante a sociedade, os grandiosos projetos arquitetônicos das igrejas e seus textos clássicos sobressaem e consolidam seu poderio e sua forma de dominação social e ainda política perante uma comunidade local, ainda às margens do processo moderno burguês. Viu-se aqui, até o momento, a tentativa revolucionária burguesa perante os comportamentos tradicionais ainda vigentes entre as relações sociais,

agora já individualizadas. Porém, devemos estruturar de fato esses ditos comportamentos “incivilizados”, evidenciarmos suas características e contrapormos aos novos padrões de sociedade estabelecidos no século XIX, em especial na França. Contudo, devemos salientar que tais relações que permeiam o seio cotidiano da sociedade moderna em oposição aos aspectos dos tradicionais comportamentos adotados pelos aristocratas da corte, já se manifestam em conjunto e quase que comumente adotadas tanto por burgueses quanto por nobres. Contrapondo o “mundo anterior”, feudal e monarca, Eric Hobsbawm já nos evidencia algumas mudanças comportamentais ocorridas a partir da Revolução Industrial dentre a nova classe burguesa em sua obra *A Era do Capital*. Mudanças estas implícitas aos parâmetros privados de construção das condições sociais modernas, sobrepostas como meio de distanciamento das antigas condições estéticas e cotidianas da sociedade da corte.

A impressão mais imediata do interior burguês de meados do século é a de ser demasiadamente repleto e oculto, uma massa de objetos, frequentemente escondidos por cortinas, almofadas, tecidos e papéis de parede, e sempre muito elaborados, qualquer que fosse o material. [...] Isso era sem dúvida um sinal de riqueza e status [...]. (HOBSBAWM, 1996, p.322).

Além de demasiada importância e zelo pela manutenção de suas riquezas através de objetos, móveis e imóveis, a burguesia preza, acima de tudo, por sua evidência quanto ao status adquirido para diferenciar-se, enquanto classe, da antiga ordem social estabelecida pela Monarquia. Ainda que o domínio burguês se estendesse para além do processo econômico, serão imprescindíveis que os modos de vida da nova classe tomem novos rumos e novas formas, que não as tradicionais. Lembremos que o nobre, mesmo falido economicamente e destituído de sua dominação e poderio político, ostenta ainda, no contexto de formação capitalista, os conceitos e status de superioridade e do chamado “sangue azul” correndo em suas veias. Em contraponto, a burguesia havia revolucionado de maneira inigualável, tanto a economia quanto os meios de produção e dominação política exercida pelo mundo tradicional. Pôs-se abaixo

todo um parâmetro de conceitos e estruturas tradicionais compactuadas há tempos e fez-se das relações sociais, antes massificadas e estagnadas, produtos de uma nova configuração estabelecida entre as pessoas, tornando-as indivíduos e proporcionando-lhes todas as fortunas modernas e convenientes aos seus deleites. Caberia então estabelecer uma ruptura completa das formas tradicionais de relações comportamentais, sejam elas estéticas, corporais, ou até mesmo sexuais, visto que o comportamento dos nobres foi taxado de amoral para a época. Temos assim, principalmente, a preocupação a cerca da higiene corporal, o trato específico que se dá com a forma de se portar à mesa, os talheres são objetos indispensáveis para a alimentação, o modo como se vestir e se portar à rua, e a plenitude da privatização das relações entre o sociedade e o indivíduo, que se dão de forma bem delimitada e específica.

Contudo, tais transformações estéticas e comportamentais não nos parecem aqui configuradas e instauradas de maneira proposital pela nova classe econômica dominante. Veremos, mais à frente, que os movimentos que mudaram as formas com que as relações sociais, morais e estéticas foram configurando-se e consolidando-se como naturais e, de certo ponto, caracterizados como um novo paradigma comportamental, por assim dizer. As análises descritas por Baudelaire a respeito da nova vida nas sociedades modernas, em especial na cidade de Paris por onde o escritor pairou suas observações, constroem um novo sentido de relações estruturadas por novos convívios urbanos, configurando uma nova leitura, tanto de costumes inéditos, quanto de estímulos surgidos paralelamente e conseqüentemente a tais costumes os quais, tanto poesias quanto prosas baudelairianas se debruçam e empreendem afirmações que classificam tais manifestações sociais provenientes de certo heroísmo ao qual o próprio Baudelaire conforma sua imagem de artista. Michelle Perrot, discorrendo sobre os aspectos que fundamentaram uma nova ordem social dos comportamentos após a Revolução Francesa no quarto volume da obra História da vida privada, comportamentos estes permeados no âmbito das relações entre o público e o privado, nos concede uma série de parâmetros descritivos a respeito de tais transformações de costumes e conceitos institucionalizados pelo modo de vida burguês. Segundo Perrot, os costumes

idealizados ao longo do século XIX caracterizam “uma idade de ouro do privado”.

O século XIX, assim, esboçaria uma idade de ouro do privado, onde as palavras e as coisas se precisam e as noções se refinam. Entre a sociedade civil, o privado, o íntimo e o individual traçam-se círculos idealmente concêntricos e efetivamente entrecruzados. (PERROT, 2009, p. 9).

Contudo, Perrot salienta que a tentativa burguesa de impor, perante lei, e “subverter a fronteira entre o público e o privado, construir um homem novo, remodelar o cotidiano através de uma nova organização do espaço, do tempo e da memória” (PERROT, 2009, p.79) acabou por esvair-se diante da resistência das pessoas. Trata-se, nesta discussão, do papel fundamental atribuído à família, classificada e exaltada pelos liberais franceses como sendo “a chave da felicidade individual e do bem público.” (PERROT, 2009, p. 79). É nesta tentativa de afirmação e concretização das formas com que as relações entre a formação das grandes metrópoles, sugerindo interações públicas, e a formação da sociedade burguesa, caracterizada pelos aspectos privados, que o olhar de Baudelaire manifesta suas indagações, observações e prerrogativas, além de manifestar todo seu desprezo pela mesquinhez estabelecida e sentenciada pela modernidade, que se revela como algoz do forte, engenhoso e harmonioso herói baudelairiano que conceituaremos à frente.

A MODERNIDADE BURGUESA EM BAUDELAIRE

A análise crítica empreendida por Charles Baudelaire sobre a modernidade será a base teórica deste capítulo. Já exibimos anteriormente as circunstâncias existentes durante o período de transformações ocorridas no século XIX na Europa. Cabe agora explicitarmos os textos de Baudelaire sobre tais mudanças, sobretudo sociais. Tanto prosas quanto poesias nascem a partir da observação do novo: mundo novo, relações sociais novas, costumes e tradições novas, enfim, conceitos e parâmetros construídos dentre inter-relações casuais e causais provenientes da dicotomia público/privado, surgida no seio da sociedade moderna burguesa. Estas influências sociais que permeiam experiências, agora, individuais, consistem casuais quando não se apresentam

de acordo com um objetivo a ser alcançado. Por outro lado elas são causais, observando-se os comportamentos adotados em contraponto a tais mudanças. Esta visão de causa e efeito que se consolida nas novas relações entre indivíduos e sociedade parece ser a mola que impulsiona o aperfeiçoamento e a consolidação do processo burguês de socialização moderna. Desde um simples caminhar nas ruas da cidade, caracterizada por conceitos agregadores e de interação do cotidiano, até mesmo discutir moda num café, regrado ao ar aristocrático da modernidade.

A crítica de Baudelaire transita entre o novo convívio social estabelecido pela nova ordem burguesa, e as relações superficiais surgidas no cotidiano da modernidade. Suas análises e observações permitem que os conceitos antes pré-determinados pelas relações feudais, tomem agora formas específicas diante do acaso e da vida na cidade moderna. Vislumbra-se em Baudelaire, a análise de um arquétipo individual trazido pelas novas experiências sociais e, posteriormente, a falta de tantos outros adjetivos caros a nova realidade econômica e social. Ao caracterizar a modernidade, Baudelaire evidencia, mesmo que de forma indireta, as consequências da vida íntima da sociedade recém-formada. Numa de suas observações a respeito da figura peculiar do *dândi*, em “O pintor da vida moderna”, uma leitura mais atenta nos sugere que além das transformações políticas e econômicas ocorridas a partir das revoluções burguesas, o âmbito das relações familiares toma outras disposições e adquire outras características. A passagem abaixo nos ajudará a elucidar e caracterizar melhor tais disposições familiares.

(...) É, infelizmente, bem verdade que, sem tempo livre e sem dinheiro, o amor não passa de uma orgia de plebeu ou do cumprimento de um dever conjugal. Torna-se, em vez da atração ardente ou plena de fantasia, uma repugnante utilidade. (BAUDELAIRE, 2010, p. 62).

Os adventos e as correlações sem tempo livre e sem dinheiro contrapõem como características da vida moderna o amor. Cabe ao homem moderno,

imbuído de suas novas aventuras e devaneios sociais, conciliar sua relação econômica e sobrevida moderna aos seus sentimentos, que agora se constatarem como uma repugnante utilidade. Nas palavras de Baudelaire, pode-se observar uma gradual banalização universal dos sentimentos em que o homem comum deve atribuir-se novas habilidades e concepções para sobreviver no mundo moderno, adequando suas aspirações e ambições e conferindo às relações amorosas uma utilidade fútil. A partir do momento em que certos pilares revolucionários se destacam e se privilegiam nas relações sociais do século XIX, a vida social se focaliza, teoricamente, em inéditas possibilidades e rumos, avistados, alcançáveis e possíveis a todos, agora cidadãos capacitados ao gozo de seu talento individual e destreza para sobreviver à nova realidade moderna. Com isso, anula-se esta concepção de amor naturalizada pela burguesia (o amor ardente e fantasiado) e subscreve-se uma racionalidade material funcional, além de praticidades grosseiras da vida moderna. Não que no mundo feudal as relações estivessem intrinsecamente relacionadas ao conceito irracional, ou simplesmente naturalizado do ser humano, visto que o processo civilizador que adaptou a vida cotidiana à nova forma de conceitos estruturais pós Revoluções burguesas tem início muito antes, ainda na chamada Idade das Trevas. Contudo, a junção entre a vida em processo de instrumentalização, e a racionalização social e os dinamismos econômicos burgueses preestabelecidos, qualifica a permanência das contradições modernas.

O dândi descrito por Baudelaire foge a todos os rótulos burgueses, ou quase todos. Seus trejeitos, trajes e modo de vida, ultrapassam os aspectos sociais cotidianos e já convencionais a ponto de ser conceituado pelo poeta como “o último brilho do heróico em tempos de decadência” (BENJAMIN, 1991, p. 93). Ambientado perante as relações e os dilemas da vida na cidade, o dândi destoa de qualquer princípio e tratamento adequado ao modo de vida burguês. Entretanto, a crítica referida a ele também é importante na obra de Baudelaire. Esmiuçado de forma ímpar no contexto social, mecanicamente fora e, ao mesmo tempo organicamente inserido nos parâmetros sociais modernos, a figura do dândi intriga o pensamento e a escrita de Baudelaire. Com sua estética e forma peculiar de contracenar no ritmo frenético da vida social, o dandismo perpassa

as relações cotidianas e se configura a margem das paixões grosseiras, destinadas aos vulgares mortais, porém, inserido de algum modo na dinâmica social moderna. Mesmo travestido moralmente de princípios excêntricos e particulares ao cotidiano, a personagem do dândi exprime-se no contexto moderno relacionado com a dinâmica funcional das características sociais estabelecidas. Capacitado a exercer suas liberdades, libertinagens, provocações e, principalmente, dotado do espírito aventureiro, o dândi nasce póstumo e tem como seu algoz a igualdade, tão vangloriada no período moderno.

O dandismo é um sol poente; como o astro que declina, ele é soberbo, sem calor e pleno de melancolia. Mas desgraçadamente, a maré montante da democracia – que invade tudo e tudo nivela – afunda diariamente esses últimos representantes do orgulho humano e lança vagas de olvido sobre os traços desses prodigiosos mirmidões. (BAUDELAIRE, 2010, p. 66).

Tendo em vista a obra produzida por Baudelaire, alguns críticos, em especial Walter Benjamin, consideram o poeta francês como um marco inicial da literatura moderna. Benjamin, aliás, relaciona a poesia baudelairiana ao contexto sociológico tradicional em transformação e proporciona com suas obras uma compreensão das formas de relações entre os indivíduos e o meio ambiente surgido com a formação das cidades modernas europeias. O tema proposto por Benjamin a cerca da relação entre cidade e indivíduo a partir das obras de Baudelaire, persistirá em toda a nossa discussão enraizado sobre as preposições e consequências de tais concepções e paralelos. As problemáticas adquiridas pelo convívio social em demasia, transparecem na aglomeração das pessoas ao mesmo tempo em que o distanciamento as condiz como seres separados e individualizados na multidão. Um simples andar pelas ruas londrinas, abarrotadas e “repugnantes”, já transmite aos observadores e literatos da época sentimentos de espanto, desprezo e distanciamento de pensamentos atrativos e afetivos para com os caminhos percorridos pela modernidade. Entretanto, Baudelaire caminha pelas ruas de Paris, onde as

nuvens do progresso ainda estavam rarefeitas em comparação a Londres. Podemos verificar, nas palavras de Benjamim ao analisar um poema de Baudelaire em *As Flores do Mal*, as relações entre moderno e antigo na capital francesa no século XIX. Eis sua observação sobre o poema *O Cisne*.

Não é à toa que se trata de um poema alegórico. Essa cidade tomada por constante movimentação se paralisa. Torna-se quebradiça como o vidro, mas, também como o vidro, transparente – ou seja, transparente em seu significado. “(De uma cidade a história/Depressa muda mais que um coração infiel.)” A estatura de Paris é frágil; está cercada por símbolos da fragilidade. Símbolos de criaturas vivas (a negra e o cisne); e símbolos históricos (Andrômaca, “viúva de Heitor e... mulher de Heleno”). O traço comum aos dois é a desolação pelo que foi e a desesperança pelo que virá. Nessa debilidade, por último e mais profundamente, a modernidade se alia à antiguidade. Sempre que aparece em *As Flores do Mal*, Paris carrega essa marca. (BENJAMIN, 1991, p. 81).

É este contraste físico e estrutural parisiense, em que a junção dos conceitos modernos de estética e a forma clássica de arquitetura antiga se configuram explicitando a relação indivíduo e sociedade, capaz de inserir a multidão, que transita por entre as ruas da grande metrópole, num contexto ao mesmo tempo familiar e carregado de certo estranhamento diante das contradições que surgem para o poeta. Aparentemente transfigurada como uma nova sociedade, provida de seus costumes e aptidões ao desenvolvimento e dotada de uma capacidade imensurável de atrair e, posteriormente, “coisificar”, quase que por completo o maior número de homens possível, a modernidade burguesa ainda guarda resquícios das sociedades tradicionais. A questão comparativa que a análise baudelaireana constata entre a figura do jogador moderno e do gladiador romano exemplifica a necessidade burguesa em converter antigas ambições ao âmbito social moderno. Todo o ímpeto, coragem, desafio e virtudes previstas ao guerreiro romano fazem parte também das qualificações esperadas no empreendedorismo capitalista, capaz de prover as intenções lógicas do desenvolvimento burguês e todas as suas incursões. Neste

contexto, a jogatina, antes praticada apenas por aristocratas, passa a fazer parte do cotidiano social.

O processo teórico de dependência cultural trazido com a sociedade burguesa será analisado nesse trabalho no capítulo seguinte, de maneira a qualificar a incursão fundamental à continuidade e adequação de um modelo de sociedade que, segundo Nietzsche, aniquila as virtudes e vontades dos homens, além de moralizá-los segundo as necessidades que os consolidam. Por ora, mantemos nosso foco nos primórdios capitais da modernidade, para um bom entendimento de sua gênese e formação estrutural. Tratemos agora da poesia baudelairiana através dos poemas de *As Flores do Mal*. Sua crítica visceral à sociedade burguesa permanece atual e ainda nos serve de parâmetro para elucidar conceitos contemporâneos, mesmo em se tratando de alguns textos datados de 1841. Seus versos, ineditamente estruturados numa linguagem adversa às convenções literárias da época, por isso, hostilizados e julgados como imorais, obscenos e ultrajantes à moral burguesa parisiense, propiciam a incorporação da realidade grotesca à linguagem romântica, objetivando suas manifestações a respeito da decadência e da catástrofe anunciada dos novos tempos. Dentre muitos, consideramos especial um poema de Baudelaire que nos parece servir de exemplo chave do que é proposto nesse ensaio. O poema *O morto alegre* nos transmite as aflições sociais observadas e refletidas pelo poeta num contexto social amplo, em que as determinações pujantes das capacidades críticas e circunstanciais dos indivíduos parecem desfalecer diante da calamidade moderna.

Num primeiro instante de sua construção, o poema revela a agonia e a contradição pela qual o autor convive com os dilemas da modernidade. Cavar a própria fossa que olho humano não sonda, para depois dormir no esquecimento do cotidiano e da melancolia que se passa diante de si, sem perspectivas e, de certo modo, ostentar as falências múltiplas de uma sociedade a caminho das sombras, transmite um sentimento de inércia perante a realidade imposta pela modernidade, da qual nem os indivíduos que ali sucumbem notarão tais gemidos agonizantes. A negação em ser absorvido e camuflado pelos aspectos

cotidianos e a contaminação que preenche o indivíduo, podem parecer contraditórias aos conceitos iluministas de desenvolvimento e de sociedade moderna. Ainda assim, há que se exaltarem tais conceitos proclamados como universais – *liberté, égalité, fraternité* – tendendo à ideologia criada a fim de consolidar os aspectos inovadores da Revolução de 1789. O poema contém uma crítica à liberdade e a felicidade, no qual a contradição implicada no termo de se estar morto livre e feliz consolida e explicita o contraponto entre uma vida lúcida, pulsante e potente, diante de uma vida monótona, contínua e inerte, proporcionada pelos afazeres cotidianos inerentes ao convívio social moderno. Por fim, vê-se o indivíduo fadado ao marasmo repetitivo moderno, sem alma e morto dentre os mortos, sem vontade, anestesiado e sereno, sepultado nas ruas da cidade, engolido pelo ar putrefato da falácia moderna. Ainda assim, nas poesias imorais de Baudelaire elucidam-se as virtudes humanas em adaptar-se continuamente às mudanças reproduzidas pelo vício burguês em se reinventar e reestruturar costumes e modas suscetíveis ao desejo dos indivíduos. Travestidos de vontades independentes do padrão de felicidade, os homens modernos anseiam por seus dramas democráticos, empenham-se em viver dignamente todas as suas virtudes e todas as suas aventuras em meio ao desconhecido, se arrastando e perambulando de um lado a outro, levados por um futuro incerto, impotente e falido. Eis o preço:

Para ele havia se apagado a ilusão de uma multidão com impulsos próprios, com alma própria, por quem o *flâneur* havia se deslumbrado. Para imprimir em si sua vileza, ele não perde de vista o dia em que até mesmo as mulheres perdidas, as rejeitadas, chegarão ao ponto de ditar preceitos à vida regrada, de condenar a libertinagem e não deixar subsistir nada além do dinheiro. (BENJAMIN, 1991, p. 145).

Em certas passagens poéticas proferidas sobre a relação entre as paisagens e a multidão de Paris, Charles Baudelaire cria a imagem de sentimentos comumente partilhados pelas pessoas que, segundo sua análise, sucumbe diante da grandiosa arquitetura moderna metropolitana. É possível,

diante da descrição baudelairiana sobre tais relações, traçarmos o perfil da sociedade que salta aos olhos do poeta francês. No poema *Os cegos*, sua aguçada e ácida crítica acerca das pessoas que vagam e perambulam de um lado a outro da cidade, evidencia o quão pasmo e atônito Baudelaire observa as relações modernas. “Iguais aos manequins, grotescos, singulares / Sonâmbulos talvez, terríveis se os olhares / Lançando não sei de onde os globos tenebrosos” (BAUDELAIRE, 1985, p. 343). Tal passagem poética critica a forma com que a sociedade recém-formada estabelecia e compartilhava as interações, tanto entre si, quanto entre a paisagem e a estética parisiense.

A DECADÊNCIA MODERNA

Tentaremos, neste capítulo, elaborar uma conexão entre os ensaios de Baudelaire sobre a modernidade e a filosofia de Nietzsche, privilegiando o conceito de decadência em seus pensamentos. Considerando a crítica à modernidade e seus “ideais modernos” como principais aspectos de reflexão, Nietzsche, assim como Baudelaire, tece uma discussão a cerca de um conceito de decadência como resultado das novas relações estabelecidas pelas, já verificadas até aqui, transformações sociais advindas da Revolução Francesa e, conseqüentemente, suas construções de “civilizações” do devir, ou seja, analisando as relações sociais desencadeadas por um processo de adestramento, inerente às vontades dos homens, embora sofram adaptações aos preceitos estabelecidos por parâmetros de distinção em relação às sociedades contemporâneas “mais primitivas”. Os revolucionários franceses apresentam em seus ideários conceitos que para Nietzsche, na perspectiva de uma crítica à modernidade europeia, estabelecem uma comparação metodológica aos conceitos concretizados na Grécia antiga. Apresentam-se, assim, as contradições que imperam e impõem, de certo modo, a formação teórica que definiria a produção intelectual de Nietzsche.

A filosofia nietzschiana interpela as relações entre “valores” e “cultura”, as quais constituem formas de poder político que tornam semelhantes os

homens modernos. É se apropriando destes preceitos que tentaremos classificar e entrelaçar as incursões discorridas, tanto por Baudelaire quanto por Nietzsche, sobre a modernidade. Como já foi dito, a incursão moral embutida nas relações modernas, segundo nosso ensaio e através dos autores pesquisados, refere-se à consolidação da falência das virtudes espontâneas do homem moderno. Falência esta pela qual a sociedade europeia dissemina seu *modus operandi* de desenvolvimento e cativa dogmas que ultrapassaram os tempos, quebrando as barreiras entre as formações culturais diversas no mundo capitalista. Contudo, o processo decadente segundo nossos autores principais, perpassa o caminho traçado pela Arte do século XIX.

O ponto em comum analisado por Baudelaire e Nietzsche questionando a modernidade ultrapassa as formas estritamente artísticas e nos condiciona para uma análise propriamente sociológica dos termos. Cabe agora ressaltar que o produto extraído da teoria de ambos, será nossa tentativa de interlocução com a produção baudelairiana e a nietzschiana, tendo em vista a apropriação decorrente dos modos com o qual a sociedade desenvolvida e formada após a prerrogativa burguesa impulsiona, de forma peculiar, a originalidade e as implicações que capacitam o conceito de *décadence* humana. Primeiramente devemos expor o pensamento crítico de Nietzsche sobre os valores morais cultivados pelo Cristianismo no Ocidente. Para ele, tal inserção de uma postura cristã, que domestica e nivela o comportamento do homem ao invés de estimulá-lo, seria o principal entrave aos valores da vida, culminando assim numa decadência expressa através das ideias modernas. Tanto o Cristianismo quanto a política, a ciência, a lógica, o valor de verdade, a metafísica e todas as idéias e práticas desenvolvidas a partir dos comportamentos sociais desde então, “acusam a vida” ao invés de promovê-la. O pensamento nietzschiano introduz uma crítica dos sentidos e valores da Filosofia que, no fundo, são os sentidos e valores do próprio homem.

Enunciemo-la, esta nova exigência: necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais

se desenvolveram e se modificaram (...). (NIETZSCHE, 2009, p. 12).

Tal crítica se coloca diante das expectativas criadas pela modernidade, em que, como foi analisado, possibilita um leque imensurável de opções e “caminhos” a se seguir. O “além-do-homem” de Nietzsche, aquele capaz da *transvaloração de todos os valores* do indivíduo, caracterizado pela vontade de potência, capaz também de superar criativamente os valores estabelecidos pelo novo modo de vida do século XIX, imortaliza-se teoricamente nas obras de seu criador, tendo em vista que os valores desencadeados pelos processos de “evolução” social e concedidos às possibilidades banais, culminam com as relações empreendidas por aspectos morais destituídos através de séculos de ética cristã, compartilhando e conceituando as idéias de bem e mal. Cabe analisar aqui os pontos de aproximação dos pensamentos sobre a modernidade de Baudelaire e de Nietzsche e, com isso, traçarmos um paralelo implicando uma distinção e uma contraposição entre ambos.

Mesmo em suas críticas à modernidade, a obra de Baudelaire concede um teor de otimismo diante das possibilidades da vida moderna, as quais o homem deve viver sua plenitude, dentre as vastas opções caracterizadas no seio das cidades e suas novas molduras. Compreende-se que esta dualidade no pensamento do poeta impulsiona as formas com que as variações infinitas de sua contemporaneidade infligem sobre os conceitos de decadência e heroísmo da Modernidade. Enquanto sua análise crítica da arte instiga à superação das trivialidades inerentes aos padrões comportamentais, principalmente estéticos, de forma também conceitual Baudelaire caracteriza o conflito gerado entre estas tantas situações como sendo a principal fonte de energia capaz de criar as possibilidades para tal superação. São destas situações conflituosas inerentes ao modo de vida cotidiana moderna, onde há uma completa interação entre toda a sociedade, desde burgueses, artistas e aristocratas, até mesmo “as mais baixas formas de vida” como o cidadão comum, que pode e deve emergir a superação da decadência moderna, segundo o poeta.

Metodologicamente, Nietzsche, da mesma forma que Baudelaire, tende a idéia de que é imprescindível a superação dos valores e tradições inerentes à época, e que tal manifestação só se dá através do “homem do amanhã e do dia depois de amanhã”. Privilegiando o perigo como válvula que capacita as mudanças essenciais para tal empreendimento moderno, o filósofo da moral projeta na capacidade e na coragem de seu *além-do-homem* as características fundamentais para o enfrentamento dos valores postos, criativamente se opondo aos dilemas que impedem e sufocam as aspirações ainda adormecidas no homem moderno. Mas o que seria o perigo moderno para Nietzsche? Justamente a incapacidade criativa e a repetição dos mesmos valores que deterioram e sujeitam os indivíduos aos conceitos de mediocridade, sendo estas as únicas formas de moralidade que fazem sentido para alguns homens e mulheres da modernidade. Tais ameaças aos aspectos que determinam a concretização do “novo homem” trazem a Nietzsche o dilema e a incerteza quanto ao futuro da sociedade no século XIX, mesmo se afastando do pessimismo trágico de Schopenhauer, o filósofo tende ao aspecto niilista da concepção de futuro.

Compartilhando do mesmo sentimento da necessidade de superação como única forma de sobrevivência, além da falência dos valores banais que circundam a sociedade e, sobretudo o homem, as críticas pertinentes a Baudelaire e a Nietzsche tendem ao uníssono quanto às aspirações de suas obras e análises, ora cristalizadas pelas contradições advindas com a Modernidade, ora condensadas entre os níveis de distanciamento entre os valores característicos da vida moderna, para só assim poder superá-los, pondo a baixo o pensamento e a prática comum e demasiada deploráveis para os autores. Fundamenta-se, porém, o distanciamento entre os pensamentos baudelairianos e nietzschianos quanto ao aspecto metafísico que permeiam as discussões sobre a superação dos valores morais. Para o filósofo alemão, é imprescindível a destruição dos valores cristãos, principais entraves para a capacitação e o surgimento do *além-do-homem*, para que se possa fundar o pensamento através da transvaloração, Baudelaire, por sua vez, nos parece dotado de um adjetivo extremamente difundido pela moral cristã: a esperança.

De fato, a crítica estabelecida pelo poeta francês torna-se uma provocação comensurada pelo aspecto eminente das transformações e acepções originárias pelo conflito mútuo entre as questões sociais, artísticas e culturais modernas, suscitando a crítica e, posteriormente, a evolução dos indivíduos acerca dos triunfos modernos. Mesmo a priori, tratando das consequências obtidas pelos conceitos contemporâneos a ele como a precariedade e a ausência de esperança no futuro, a premissa das obras de Baudelaire aqui tratadas em que as relações dos indivíduos nas cidades, cercados de contradições e sucumbindo a formas grotescas e desprovidas de sentido pleno e consciente, são as causas para sua redenção, gerando os requisitos para um heroísmo moderno, aos quais suas falências críticas expõem uma nova forma de comportamento do homem. Se para Baudelaire a compaixão cristã, fundamentada especificamente pela religião, serve como alento e forma de atenuar as distâncias entre os pobres e enfermos e os mais afortunados das cidades modernas, o pensamento nietzschiano se coloca de forma antagônica e com certa aversão a este conceito. Nietzsche analisa essa afronta ao que é natural como forma de um refúgio, ou melhor, um desgosto pela realidade, tentando assim suprimi-la a qualquer custo, mesmo que de maneira “artificial”, através da servidão cristã.

A modernidade, bem como todos os seus adjetivos já enunciados neste trabalho, causa a Nietzsche um imensurável sentimento de aversão, uma contínua e elevada repulsa a tais transformações conceituadas através de sua filosofia. Tais aspectos modernos, caracterizados principalmente na cidade natal de Baudelaire, Paris, ressurgem por meio de duras críticas no pensamento nietzschiano, que a considera fundadora da “vulgaridade europeia” (NIETZSCHE, 2005, p. 146) no século XIX. Assim, diante das aspirações e conceituações filosóficas de Nietzsche acerca da França e suas manifestações modernas, podemos discorrer melhor sobre o termo decadência e sua apropriação neste ensaio. Sendo a França o modelo de construção moderna europeia em termos políticos de democracia, tendo germinado e se consolidado primeiro ali os conceitos iluministas de sociedade burguesa europeia no século XVIII e se constituído como padrão nos moldes universais que dominavam, e dominam as ações políticas, econômicas e sociais entre as nações do velho

continente, posteriormente permeando-se por todo o globo, cabe-nos tratar exclusivamente das críticas específicas a *âmefrançaise*.

Toda elevação do tipo “homem” foi, até o momento, obra de uma sociedade aristocrática – e assim será sempre: de uma sociedade que acredita numa longa escala de hierarquias e diferenças de valor entre um homem e outro, e que necessita de escravidão em algum sentido. (NIETZSCHE, 2005, p. 153).

É esta exaltação à modernidade francesa que será contraposta e veementemente denunciada como vil, banal, medíocre, vulgar, enfim, decadente pela crítica nietzschiana. Privilegiando aspectos nobres, que levam a uma elevação dos homens, Nietzsche entende que as exaltações feitas às transformações sociais modernas burguesas, juntamente com os preceitos e imposições cristãs, são a estagnação das potências e virtudes alcançadas, segundo ele, somente através dos conceitos estabelecidos por uma sociedade aristocrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contrastando o cotidiano moderno e as relações e consequências obtidas pelo modo de vida burguês do século XIX, Baudelaire, através de suas obras, nos fornece noções de cultura e constata as transformações sociais decorrentes da época. Através de seus poemas em *As Flores do Mal*, é possível analisar as implicações causadas pelos aparatos modernos que permearam o âmbito social parisiense, relacionando e evidenciando um modelo de vida urbano, sendo possível a convivência e a interação comum, num mesmo espaço, entre um aristocrata e um simples serviçal.

As preocupações baudelairianas, contextualizadas através da Arte, primam por uma constante descrição das reações cotidianas nas quais, tanto em arquitetura quanto em comportamentos, assumem uma importante

característica que capacita e impulsiona a convivência caótica conceituada pelo poeta.

Todas estas interações sociais modernas que ditaram o ritmo durante o século XIX e que, de certo modo ainda caracterizam o modo de vida contemporâneo, estabelecem a interligação entre o indivíduo e a multidão, surgindo assim, na poesia de Baudelaire, a figura do *flanêur*, capaz de apreciar e refletir sobre os moradores da cidade em suas atividades diárias e corriqueiras, apaixonando-se pela cidade e pela multidão em suas andanças erráticas e sem destino, observando os fenômenos e extraindo beleza das relações acidentais que o fluxo cotidiano é capaz de promover.

Um dos artistas que influenciaram o pensamento baudelaireano, Edgar Allan Poe, já havia se manifestado a respeito dos contextos sociais modernos em seu conto O homem da multidão, explorando o tema da paisagem e da massa urbana e suas relações. Segundo Baudelaire, Poe

revela alguns traços notáveis, e basta apenas segui-los para encontrar instâncias sociais tão poderosas, tão ocultas, que poderiam ser incluídas entre as únicas capazes de exercer, por meios vários, uma influência tão profunda quanto sutil sobre a criação artística (BAUDELAIRE, 2001, p. 119).

O grande percalço que o andarilho errante encontra é justamente a complexa natureza da sociedade moderna na metrópole-labirinto, onde ele observa o quanto o homem moderno é vítima das agressões das mercadorias e anulado pela multidão. Limitando-se a vagar pelas ruas, em um estado de abandono e angustiado pela demasiada banalidade cotidiana. De uma maneira inédita, o poeta francês exalta a complexidade da vida na grande cidade, privilegiando as relações entre esta e a multidão, além de produzir um novo parâmetro de poesia, onde une o clássico e o moderno, trazendo em seus poemas temas e dizeres do cotidiano, do comum, nos quais faz referência a aspectos e aspirações individuais que negam a banalidade das relações,

expressando o conflito entre o indivíduo e a sociedade como um dos grandes temas da Modernidade. “A modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente, a metade da arte, cuja outra metade é o eterno e o imutável.” (BAUDELAIRE, 2010, p. 35).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDELAIRE, C. **As Flores do Mal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. **O Pintor da Vida Moderna**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Obras escolhidas, Vol. 3. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador. Vol. I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

GAY, P. **A Educação dos Sentidos - A experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GIDDENS, A. “**A Vida em uma Sociedade Pós-Tradiciona**l”. IN: BECK, U.; GIDDENS, A. & LASH, S. **Modernização Reflexiva**. São Paulo: UNESP, 1997.

HOBSBAWM, E. J. **A Era do Capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MARX, Karl. **O manifesto comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

NIETZSCHE, F. **Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PERROT, M. (Org.) **História da Vida Privada. Vol. 4: “Da Revolução Francesa à Primeira Guerra”**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.